



O diálogo pensante da poesia visual contemporânea brasileira entre redes sociais digitais e os livros: a contra-assinatura do leitor

The thinking dialogue of contemporary brazilian visual poetry between digital social networks and books: the reader's counter-signature

Clarice Freire^(a); André Araújo^(b); Roberta Caiado^(c)

a Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) – claricesfreire@gmail.com

b Universidade Jesuíta de Filosofia (FAJE) – aluisaraujosj@gmail.com

c Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) – caiado.roberta@gmail.com

Resumo: O presente artigo analisa o fenômeno da poesia visual contemporânea brasileira que emerge nas redes sociais digitais e posteriormente transita para o suporte impresso, observando, nesse movimento, a reconfiguração das relações entre autoria, leitura e criação. A partir do conceito de contra-assinatura, investiga-se o papel ativo e performativo do leitor, que, ao compartilhar, recriar e ressignificar as poesias visuais, torna-se coautor das obras. O estudo compreende a leitura como ato criador e socialmente situado, mais especificamente a partir do advento das redes sociais digitais, como um movimento inédito no mercado literário brasileiro. Metodologicamente, realiza-se uma análise qualitativa de produções de leitores a partir de perfis de poetas visuais brasileiros contemporâneos no Instagram, todos também com livros publicados, evidenciando práticas de reelaboração estética, formal e discursiva. Os resultados apontam que a contra-assinatura do leitor traz novos marcos situados na história da relação autor-leitor na literatura. E não apenas amplia os sentidos dos textos poéticos, mas também modifica os modos de circulação e legitimação da literatura no cenário digital, promovendo uma democratização da produção e do acesso à poesia. Conclui-se que a poesia visual contemporânea brasileira configura um campo de criação compartilhada, no qual leitura e escrita se entrelaçam em um processo contínuo de reinvenção literária.

Palavras-chave: Poesia visual contemporânea. Redes sociais digitais. Contra-assinatura. Autoria. Leitor.

Abstract: This article analyzes the phenomenon of contemporary Brazilian visual poetry that emerges on digital social networks and later migrates to print media, observing in this movement

the reconfiguration of the relations between authorship, reading, and creation. Based on the concept of counter-signature, the study investigates the active and performative role of the reader, who, by sharing, recreating, and resignifying visual poems, becomes a co-author of the works. Reading is understood as a creative and socially situated act, particularly in the context of digital social networks, representing an unprecedented movement in the Brazilian literary market. Methodologically, the study adopts a qualitative analysis of readers productions derived from profiles of contemporary Brazilian visual poets on Instagram, highlighting practices of aesthetic, formal, and discursive re-elaboration. These poets also publish their works in printed books while maintaining a strong presence in the digital environment. The results indicate that the reader's counter-signature establishes new landmarks in the history of the author-reader relationship in literature, transforming both the meanings of poetic texts and the modes of circulation and legitimation of literature in the digital sphere. The study concludes that contemporary Brazilian visual poetry constitutes a field of shared creation, in which reading and writing intertwine in a continuous process of literary reinvention.

Keywords: Contemporary visual poetry. Digital social networks. Counter-signature. Authorship. reader.

Introdução

A circulação da poesia visual contemporânea brasileira entre as redes sociais digitais e os livros reconfigura os modos de produção, leitura e legitimação da obra literária, tensionando categorias tradicionais como autoria, materialidade e recepção. Este artigo investiga de que maneira a interação dos leitores em plataformas digitais participa da constituição da obra poética e do seu posterior transbordamento em livro impresso, mantendo-se sempre numa zona de fronteira e contato digital-impresso, que não pertence totalmente nem a uma instância, nem a outra, mas participa das duas, um entre-lugar.

Partimos da hipótese de que, no ambiente das redes sociais digitais, a contra-assinatura do leitor desenvolvida por Jacques Derrida (2014) deixa de operar exclusivamente como atualização interpretativa e passa a manifestar-se materialmente nos dispositivos técnicos das plataformas, através de compartilhamentos massivos das impressões pessoais de leitura, interferindo nos regimes de circulação e reconhecimento da poesia visual. Ao articular essa noção à teoria dialógica da linguagem de Bakhtin (2017) e aos estudos da cultura digital desenvolvidos por Lévy (2010) e

Santaella (2004), e da estética da recepção a partir de Iser (1996), propomos compreender as redes sociais como instâncias de reelaboração textual e de uma nova autoria do leitor, historicamente demarcado como um evento inédito de ciências da linguagem.

Metodologicamente, adotamos uma abordagem qualitativa de caráter analítico-interpretativo, combinando análise discursiva e análise intermediária. O corpus é constituído por produções de poesia visual inicialmente publicadas em redes sociais digitais e posteriormente editadas em livro impresso, além de publicações de leitores, todas de domínio público, na rede social *Instagram*. A investigação concentra-se em quatro dimensões: (1) transformações na materialidade da palavra verbal e visual; (2) marcas de interação registradas nas redes sociais digitais; (3) estratégias de circulação e legitimação da autoria do leitor; (4) reelaborações observadas na passagem ao suporte impresso.

Os resultados indicam que a circulação digital-impressa não apenas amplia o alcance das obras, mas incide sobre sua própria configuração estética e simbólica entre as redes sociais digitais e os livros. As interações dos leitores produzem efeitos de reelaboração temática, reforço imagético e validação pública, tensionando a noção de autoria individual e evidenciando um regime de produção marcado pela visibilidade da resposta. Tal resposta se apresenta de forma tão contundente e criativa nos meios digitais que se torna uma nova forma de autoria do leitor. E o autor, neste contexto, também de maneira bastante nova no cenário literário, torna-se leitor de sua obra reelaborada. Argumenta-se que, nesse contexto, a contra-assinatura do leitor assume uma dimensão fronteiriça, tornando-se estrutural à constituição da poesia visual contemporânea brasileira.

1. Um fenômeno dentro da poesia e a poesia dentro do fenômeno

O fenômeno da poesia visual contemporânea brasileira que surge nas redes sociais entre os anos de 2012 e 2017 e, posteriormente, ganha as livrarias do país é revelador de diversos aspectos relevantes para os estudos da literatura e das ciências da linguagem, que merecem ser estudados. Interessa-nos o fenômeno em um recorte específico, com dois enfoques: o primeiro é a poesia visual contemporânea brasileira, que está entre as redes sociais e os livros. O segundo é a contra-assinatura do leitor nesse ambiente digital. A contra-assinatura se trata de um termo cunhado por Jaques Derrida (2014), a ser aprofundado mais adiante. Segundo Derrida, o autor assina um texto de sua autoria e o leitor contra-assina, porque, no ato da leitura, as subjetividades e estratificações do leitor são fundamentais no ato que não é somente interpretativo, mas performativo. É como se o leitor, no ato da leitura, escrevesse outro texto e o assinasse.

O fenômeno da poesia visual contemporânea brasileira em questão é sobre a poesia visual, a que sai do espaço virtual para um impresso, para as páginas dos livros. Migra, assim, sem, de fato, nunca ter saído, porque permanece no universo digital. Autores como Pedro Gabriel (no Instagram, @eumechamoantonio), Ryane Leão (@ondejazzmeucoracao), Verena Smit (@verenasmith) e outros, por exemplo, começaram a publicar suas poesias repletas de características visuais nas redes sociais digitais e, a partir disso, os leitores tiveram uma recepção tão calorosa, que a tal viralização foi rápida, intensa, trazendo uma grande gama de seguidores-leitores para os perfis desses autores e dessas autoras antes desconhecidos. Consequentemente, pela primeira vez no Brasil, foi possível observar grandes editoras publicarem livros impressos de escritores lidos antes apenas no ciberespaço. Os livros se tornaram um sucesso de vendas imediato, fazendo, também, um caminho novo, no que diz respeito à movimentação mercadológica, e levando a poesia para um lugar de popularização bastante singular.

Nesse contexto, está o leitor e sua atuação inédita no cenário literário nacional e, pode-se dizer, internacional: o leitor, com as ferramentas do mundo *online*, valida, torna conhecidos os autores, outrora anônimos, que saem das redes sociais digitais para os livros, por conta da ação muito concreta de compartilhamentos e avaliações dos leitores. Por isso, a contra-assinatura do leitor é o nosso ponto de observação fundamental, a ser aprofundado.

1. A materialidade da palavra e o ciberespaço ocupado pela literatura

Pelo exposto anteriormente, é válido, previamente, uma breve pontuação sobre essa questão da materialidade da poesia, quando se fala em migração do virtual para o material. Na verdade, pode-se dizer que haveria uma materialidade própria da palavra, que é material por si mesma, independentemente de onde esteja, até mesmo na oralidade.

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. Toda a realidade da palavra está inteiramente absorvida em sua função de signo. [...] A palavra não é um simples reflexo, uma sombra da realidade, mas sim um material que participa da realidade social, sendo lugar de luta de valores e sentidos (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017, p. 36-37).

A palavra não se reduz à abstração do significado, mas possui uma materialidade social, histórica e ideológica, que a torna constitutiva da experiência e do pensamento. Nesse sentido, essa migração por diversos suportes não parece ser, para ela, um movimento inesperado, ou estranho, mas um transbordamento. A problemática da virtualidade já pode dar pistas ou indícios de um ponto interessante. Na cultura hiperconectada, na qual a sociedade moderna está inserida, essa linha entre o impresso, o material e o digital parece cada vez mais fluida. Antes da internet, para que um novo autor fosse publicado e reconhecido, o caminho era longo e

bastante limitado no Brasil. Normalmente, seria necessário estar majoritariamente no eixo sul-sudeste, onde as oportunidades, nas mais diversas áreas, estão concentradas com maior abrangência e possibilidades. Comumente, algum veículo impresso deveria convidar e validar tal autor, fazendo-o reconhecido ou, talvez, tal reconhecimento viria por outras vias, mais institucionais e relacionais, através da validação de um autor já consagrado, por exemplo. No *Ciberespaço*, não importa o lugar, a idade, o gênero, o sexo ou as condições de enunciação, um novo autor pode lançar sua voz para o mundo através de um perfil nas redes sociais.

A palavra “ciberespaço” foi inventada em 1984 por William Gibson em seu romance de ficção *Neuromancer* (grifo nosso). No livro, esse termo designa o universo das redes digitais [...]. “Eu defino o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.” Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização (LÉVY, 2010, p. 94-95).

Essa definição de ciberespaço como um espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e suas memórias é interessante, justamente, por se tratar de um espaço, um lugar, ainda que não se refira imediatamente a lugares físicos, mas, por isso, não menos materiais, conforme foi levantado a respeito da palavra. Retomando a discussão sobre os perfis poéticos presentes nesse ambiente digital, se um determinado perfil repercute e se torna viral¹, o escritor, outrora anônimo,

¹ Termo utilizado para designar um fenômeno de “viralização” de um assunto, vídeo, imagem ou conteúdo em geral. A viralização faz alusão ao contágio rápido de um vírus, que passa para uma grande quantidade de pessoas, sem controle. Quando um conteúdo se torna viral ou viraliza na Internet, quer dizer que ganhou extrema popularidade e um grande número de pessoas está comentando e compartilhando ideias sobre o tema.

pode ganhar reconhecimento meteórico por um público bastante ávido e participativo. Esse movimento de viralização atinge diversos setores e é uma das características culturais mais latentes do ciberespaço. Sobre a manipulação do que está neste ambiente, há um aprofundamento importante:

Ciberespaço será considerado como todo e qualquer espaço informacional multidimensional que, dependente da interação do usuário, permite a este o acesso, a manipulação, a transformação e o intercâmbio de seus fluxos codificados de informação. Assim sendo, o ciberespaço é o espaço que se abre quando o usuário conecta-se com a rede. Por isso mesmo, esse espaço também inclui os usuários dos aparelhos sem fio, na medida em que esses aparelhos permitem a conexão e troca de informações. Conclusão, ciberespaço é um espaço feito de circuitos informacionais navegáveis (SANTAELLA, 2004, p. 45).

O acesso, a manipulação, a transformação e o intercâmbio de fluxos codificados de informação, destacados por Santaella, configuram não apenas propriedades técnicas do ciberespaço, mas condições estruturais de produção e circulação de sentido nesse ambiente informacional e multidimensional em que se inserem as redes sociais digitais. Nesse contexto, a palavra poética passa a integrar uma dinâmica em que pode ser apropriada, reconfigurada e redistribuída pelos próprios usuários. A interação deixa de ocorrer apenas no plano interpretativo e passa a operar também materialmente, por meio de compartilhamentos, comentários, republicações e intervenções diretas na obra. Assim, estabelece-se um campo relacional ampliado, no qual leitores interagem entre si, leitores e não leitores entram em contato com o texto, e, de modo particularmente significativo, autor e leitor coexistem e se confrontam no mesmo espaço de circulação, reconfigurando as fronteiras tradicionais da autoria. Entre os anos de 2012 e 2017, foi possível observar, pela primeira vez, o surgimento de novas vozes na literatura nacional a partir desse fenômeno da viralização da poesia contemporânea nos ambientes digitais. Todavia,

antes, é importante compreender o que já tem sido dito sobre a chamada “poesia viral”:

O termo poesia viral pode ser compreendido se observado a partir do campo de marketing. Um marketing viral, também conhecido como “marketing boca-boca” é caracterizado pela disseminação de conteúdo de pessoa para pessoa, de modo que esse atinja números expressivos de alcance devido ao público que o conhece, assim as redes sociais colaboram constantemente para a manutenção desse elemento comunicativo. A poesia viral se dissemina a partir de perfis pessoais, leitores e entusiastas que se conectam pelo interesse na leitura de textos poéticos (FERNANDES, 2019, p. 56).

Em outras palavras, a poesia viral nada mais é do que uma poesia tornada amplamente popular na internet, espalhando-se rapidamente através de perfis pessoais que se intercomunicam. Tal movimento pode tornar o perfil do autor ou da autora amplamente conhecido por aqueles que se identificaram com a poesia compartilhada. Essa poesia publicada, inicialmente nas redes sociais, possui características muito próprias e particulares no que toca ao seu estilo e à sua composição e, em sua grande maioria – porque existem diversos tipos de perfis de autores, com especificidades muito distintas. Apenas entre os autores previamente citados nesta pesquisa, observamos, por exemplo, Pedro Gabriel, que escreve à mão, de maneira artesanal, com tinta nanquim e em guardanapos; há também Verena Smit, que faz instalações artísticas com suas poesias visuais em museus, galerias ou nas ruas; Luca Brandão e Ryanne Leão, que seguem o formato mais tradicionalmente tipográfico. As temáticas dos autores e das autoras circula entre variações existenciais, amorosas, filosóficas, humorísticas e de crítica social, a depender da circunstância, todas tocadas a partir de ponto de vista bastante único. Esses são breves exemplos dessa diversidade tanto poética quanto visual presente entre as redes sociais digitais e os livros, que encontram,

consequentemente, os mais diversos públicos e engajamento de leitores.

1. Compartilhamentos massivos e a contra-assinatura

Vários são os aspectos interessantes desse fenômeno a serem pontuados na academia. Entre eles, destaca-se a contra-assinatura do leitor, foco deste artigo. A contra-assinatura ilustra com excelência um aspecto fundamental do leitor na contemporaneidade: sua participação ativa no cenário literário do Brasil, a partir das ferramentas disponíveis no universo digital. A ocupação, pela literatura, do ciberespaço, constitui uma novidade repleta de desdobramentos, inclusive por não se tratar de um ambiente pensado, inicialmente, como suporte para a palavra poética, mas que encontrou nele tamanha recepção que gerou mudanças no mercado editorial brasileiro e, por conseguinte, impactos no hábito de leitura. Só para se ter uma ideia, o autor Pedro Gabriel, criador do perfil @eumechamoantonio, possui mais de 300 mil seguidores no Instagram e teve mais de 200 mil exemplares vendidos dos seus três livros publicados, figurando na lista dos mais vendidos do Brasil, segundo o *PublishNews* (2014).

As três obras são de poesia desenhada à mão pelo próprio autor, em guardanapos artísticos, cheios de lirismo, bom humor e profundidade. O surgimento, já com grande número de vendas, de novos autores e de novos leitores, no país, a partir das redes sociais, já é um assunto que vem sendo debatido no âmbito acadêmico, assim como o gênero discursivo produzido por esses escritores contemporâneos, advindos dos meios digitais, em seus aspectos temáticos, composicionais e estilísticos. Entretanto, o foco deste artigo está especificamente no leitor.

O leitor escreve a obra que lê, como afirma Compagnon (2001). E faz isso no próprio ato da leitura. Na era digital, tal ato se torna literal: ele escreve

nas redes sociais digitais as suas impressões sobre seus livros e autores favoritos, em uma incessante troca e intercâmbio de indicações entre leitores de todo o mundo. Os leitores se tornam criadores de conteúdo online, contra-assinando, de fato, as obras que deseja, nessas publicações. Imprimem, com seus olhares através de resenhas, vídeos, textos ou resumos, suas próprias versões das obras que indicam. A originalidade com a qual esses conteúdos são produzidos é ponto fundamental no seu impacto e viralização, o que é outra máxima cultural da internet: a oferta é alta, as opções são ilimitadas, algo precisa se destacar o que, acreditamos, torna ainda mais contundente essa autoria do leitor.

Como em Ingarden, o texto literário é caracterizado por sua incompletude e a literatura se realiza na leitura. A literatura tem, pois, uma existência dupla e heterogênea. Ela existe independentemente da leitura, nos textos e nas bibliotecas, em potencial, por assim dizer, mas ela se concretiza somente pela leitura. O objeto literário autêntico é a própria interação do texto com o leitor (COMPAGNON, 2001 p. 149).

A afirmação de que a literatura presente nos livros, nas bibliotecas, nos textos, existe em potencial, mas que se concretiza somente pela leitura, é bastante contundente para o fenômeno aqui estudado, visto que, no caso do ocorrido com as poesias nas redes sociais, de fato, foi essa leitura extremamente ativa que deu relevâncias muito concretas a tal acontecimento e a seus autores. Essa relevância se deu, por extensão, também diante das instituições estabelecidas, como os veículos tradicionais de comunicação e as editoras. Vale ressaltar que a interação do texto com o leitor sempre foi uma realidade, além de essencial na apreciação literária. A grande questão a ser analisada sobre esses compartilhamentos das poesias por parte dos leitores na internet é o caráter pensante, no sentido filosófico, que o ato carrega.

Derrida explica que o ato da escrita é como uma assinatura do autor. Ele

escreve, assinando com a sua personalidade e pensamento o texto de sua autoria. Todavia, Derrida também alerta, segundo Evando Nascimento, que essa obra só é posta em funcionamento, só pode se tornar verdadeiramente efetiva, “[...] se for compartilhada pelo leitor que deve contra assinar a operação da obra” (NASCIMENTO, 2015, p. 321). Essa contra-assinatura diz respeito a todo o armazém semântico trazido pelo leitor quando recebe o texto, o que o torna muito mais do que um mero receptor ou ouvinte, mas uma voz atuante e transformadora do texto.

Com isso, surge também, para a interpretação, outra tarefa: em vez de decifrar o sentido, deve explicar os potenciais de sentido de que dispõe um texto, dado que a atualização que ocorre na leitura se efetua como um processo de comunicação a ser descrito. Certamente é exato afirmar que no ato da leitura nunca se realiza plenamente o potencial de sentido, mas que este só pode ser parcialmente atualizado. Porém, precisamente por isso, faz-se tão mais necessária a análise do sentido como acontecimento; só assim se percebem os pressupostos que condicionam a constituição de sentido. Da mesma maneira que, em cada caso, também as colorações do sentido constituído têm caráter individual, igualmente o mesmo ato de constituição possui características comunicativas encontradas na base de cada uma das realizações individuais do texto e, por conseguinte, são de natureza intersubjetiva (ISER, 1996, p. 47, tradução nossa)².

Iser, teórico da estética da recepção, discute, na citação acima, a questão

² *Con ello se le plantea también a la interpretación otra tarea: en vez de descifrar el sentido, debe explicar los potenciales de sentido de los que dispone un texto, dado que la actualización que tiene lugar en la lectura se efectúa como un proceso de comunicación que hay que describir. Ciertamente es exacto afirmar que el hecho de la lectura nunca se realiza plenamente el potencial de sentido, sino que éste sólo puede ser parcialmente actualizado. Pero precisamente por esto se hace tanto más necesario el análisis del sentido en cuanto acontecimiento; sólo así se perciben los presupuestos que condicionan la constitución del sentido. De la misma manera que, en cada caso, también las coloraciones del sentido constituído tienen carácter individual, igualmente el mismo acto de constitución posee características comunicables que se hallan a la base de cada una de las realizaciones individuales del texto y, por consiguiente, son de naturaleza intersubjetiva (ISER, 1996, p. 47).*

da interpretação, afirmando que, no ato da leitura, nunca se realiza plenamente o potencial de sentido. Com efeito, as colorações de sentido acabam por ter um caráter individual, afinal, cada leitor carrega consigo suas condições de compreensão e enunciação. Tal raciocínio leva à reflexão sobre o ato interpretativo de cada leitor, que entra em contato com a poesia visual na internet — lembrando que, nisso, fala-se em milhares, até milhões de leitores diariamente —, o que se dá, como analisa Iser, numa natureza intersubjetiva. No entanto, nesse contexto das redes sociais digitais, pode-se dizer, também, que a natureza é *objetiva*, porque gera um ato muito concreto de produção de texto, imagem, atos de compartilhamento. Esse é o ponto de diferenciação histórica, por assim dizer, no ato interpretativo, que sempre foi presente na ação da leitura subjetiva. Essa leitura vai do ato subjetivo ao ato interpretativo, gerador de conteúdo *online*.

Na era da hiperconectividade, a publicação da compreensão individual é cultural, comum e praticamente diária, para grande parte dos internautas, como será também mostrado a seguir. O leitor lê e produz sua própria versão interpretativa, em forma de arte, de compartilhamento personalizado e lançando mão de diversas outras manifestações. O leitor não apenas interpreta internamente ou compartilha suas impressões com conhecidos próximos, mas pode levar a diversos desconhecidos aquela sua leitura. O potencial de sentido, que nunca se realiza plenamente em uma leitura, entra no “em branco” deixado pelo autor, como afirmam os autores da estética da recepção. É nesse espaço de fronteira, onde não se sabe bem quem é um e o outro, que autores e leitores se encontram. É nessa zona de contato, tão unitiva quanto acentuadora de particularidades, nesse lugar de fluxo constante, onde nada está totalmente em um espaço predeterminado, ou seja, vive em trânsito constante, sem pertencer a nenhum polo específico — em outras palavras,

é no *entre-lugar*³ que o fenômeno da contra-assinatura bastante ativa acontece nas redes sociais.

O leitor lê, contra-assinando: a partir da assinatura do escritor, insere a sua, advinda da interpretação, da leitura pessoal, cheia de significados próprios. No caso do fenômeno das redes sociais digitais, muitas vezes, com uma intervenção direta naquele texto.

O que vale para a 'produção literária também vale para a 'leitura de textos literários' [*Reading literature*]. A performatividade sobre a qual acabamos de falar exige a mesma responsabilidade por parte dos leitores. Um leitor não é um consumidor, um espectador, um visitante, nem tampouco um receptor'. Reencontram-se, portanto, os mesmos paradoxos e as mesmas estratificações (DERRIDA, 2014 apud NASCIMENTO, 2015, p. 76).

No trecho acima, Derrida explicita esse caráter performativo do leitor, que não é um mero visitante, nem espectador, mas aquele que contra-assina um texto. O papel do leitor, portanto, é tão relevante que os mesmos paradoxos e estratificações cabíveis ao autor estão aplicados àquele que lê, como nos dirá, ainda, Compagnon: "Já que o leitor começa sempre por uma interpretação, não há texto preexistente que possa controlar sua resposta: os textos são as leituras que nós fazemos deles; nós escrevemos os poemas que lemos" (COMPAGNON, p. 161). Tudo isso possui uma relação muito prática com os compartilhamentos massivos dos leitores de poesia visual na internet. A interação autor-leitor, nos meios digitais, se dá em tempo praticamente real, muitas vezes, de forma direta e bilateral. A interação destacada, também por Bakhtin, Volochinov e outros do chamado Círculo de Bakhtin, parece manifestar-se com extrema

³ O *entre* do título evoca, de alguma maneira, o que diz Silviano Santiago, em 1978, quando cunhou o termo *entre-lugar*. Porque a poesia visual contemporânea entre as redes sociais e os livros não é essencializada, de forma radical, nem numa coisa, nem noutra, participando das duas ao mesmo tempo, radicada num intervalo disposto entre elas.

atualidade no fenômeno aqui estudado. Essa interação foi fundamental – pode-se dizer até mesmo a base principal – para o fenômeno da popularização dessas poesias no Brasil.

O leitor se identifica com o que lê e compartilha aquelas palavras em suas redes, quase como se fossem suas, apresentando, naquele instante, um estado de espírito, memória, recado, brincadeira, ou qualquer outra coisa que combine com o contexto do seu compartilhamento. Quando um internauta compartilha uma imagem advinda de outro perfil, toda a sua base de amigos ou seguidores tem acesso ao que está sendo compartilhado, podendo conhecer o trabalho daquele escritor por meio de alguém a quem já atribui, possivelmente, alguma credibilidade ou afeto. Essa é uma outra faceta da contra-assinatura dos leitores nas redes sociais.

Aquilo de que nos lembramos, aquilo que marcou nossas leituras da infância, dizia Proust, afastando-se do moralismo ruskiano, não é o próprio livro, mas o cenário no qual nós o lemos, as impressões que acompanharam nossa leitura. A leitura tem a ver com empatia, projeção, identificação. Ela maltrata obrigatoriamente o livro, adapta-o às preocupações do leitor. [...] Assim, o escritor, o livro controlam muito pouco o leitor (COMPAGNON, 2001, p. 144).

Compagnon, acima, cita especificamente o livro, mas, antes do livro, poesias que despertavam empatia, projeção e identificação o suficiente para gerarem um número altíssimo de compartilhamentos na internet, como é próprio do meio digital. Por isso, para a relevância e realização do fenômeno, outro âmbito no qual essa contra-assinatura se fez fundamental foi diante das instituições estabelecidas, conforme já foi mencionado. O compartilhamento massivo dos internautas possibilitou o reconhecimento institucional desses novos autores como autênticos poetas, escritores. Com uma base tão grande, muitas vezes, significando,

literalmente, milhões de leitores engajados, as editoras, os jornais, ou seja, o cenário literário brasileiro foi impelido a observar ali alguma relevância nascente. Em razão da contra-assinatura, não foi possível às instituições ignorar aquela poesia que ocupava as redes sociais, transformando-as, em conjunto reelaborado, em livros impressos. Com os livros impressos em mãos, esses autores começam a circular, presencialmente, nas feiras literárias, bienais, podcasts, programas de televisão e em outros ambientes de discussão literária no país, com o status muito claro de escritores reconhecidos.

2. Repetir o traço de *outra maneira*

Conforme já foi visto, o leitor assumiu um protagonismo inédito no cenário literário brasileiro, a partir da sua atuação e interação nas redes sociais. Inserida em um ciberespaço ativamente responsivo, a literatura experimenta, assim, um nível especial de diálogo. Em condições de enunciação amplamente diversas, os leitores criam a partir da leitura: “Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo, é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2016, p. 25). Quando Bakhtin afirma que toda compreensão, toda leitura e apreensão da palavra é prenhe de resposta, é possível imaginar que toda leitura guarda uma ação responsiva em potencial. Potencial que encontra possibilidades criativas diversas diante dos recursos digitais e da cultura de troca das redes sociais:

Ao acontecimento inaugural do texto deve corresponder esse outro acontecimento também inaugural que é a leitura como contra-assinatura. [...] Certamente o que torna interessante e aventureiro esse embate é que o texto pode nunca ser contra-assinado, caindo-se simplesmente na

metalinguagem, que tenta analisar o texto do outro, sem perceber a necessidade de re-dividir seu traço a fim de repeti-lo de outra maneira (NASCIMENTO, 2015, p. 343).

Aprofundando, a partir desse trecho, a questão do compartilhamento ativo, da leitura participante e da dinâmica dos leitores nas redes sociais, é fundamental destacar o que pode significar, no caso das poesias visuais, essa repetição de outra maneira. A partir da nossa análise, existe essa contra-assinatura, aqui chamada, também, de *diálogo ativo* entre leitor-autor.

Compreender o texto tal qual o próprio autor o compreendia. Mas a interpretação pode e deve ser melhor. A criação poderosa e profunda é, em muitos aspectos, inconsciente e polissêmica. Na interpretação ela é completada pela consciência e descobre-se a diversidade dos seus sentidos. Assim, a interpretação completa o texto: ela é ativa e criadora. A interpretação criadora continua a criação, multiplica a riqueza artística da humanidade. A cocriação dos intérpretes (BAKHTIN, 2017, p. 35).

No ato do compartilhamento das poesias nas redes sociais, os internautas possuem uma liberdade altíssima na maneira como realizam tal ação. Conforme afirma Bakhtin, no excerto acima, essa liberdade é polissêmica, é ativa, é criadora. No âmbito tradicional da compreensão de leitura, essa afirmação bakhtiniana já eleva em diversos níveis a antiga denominação do leitor como um mero receptor ou ouvinte. Trazendo para o contexto deste artigo, essa criação poderosa e profunda é bastante potencializada na leitura criadora de conteúdo dos internautas e, sem dúvida, continua polissêmica. No caráter criador, observa-se que, ao compartilhar as poesias em seus próprios perfis, por exemplo, os leitores cortam a imagem poética da forma que desejam, colocam filtros diversos, acrescentam *gifs*, comentários, complementam a poesia com versos próprios.

Alguns produzem canções, declamam versos em vídeos estilizados, comentam trechos com resenhas faladas ou fazem performances artísticas diversas. Muitas vezes, também, produzem suas próprias imagens a partir das poesias, seja através de aplicativos de textos imagéticos ou colocando-as em fotografias pessoais, desenhando com suas caligrafias particulares, criando quadros, painéis, pintando as paredes dos seus quartos, em uma liberdade criativa ilimitada. O traço do autor é repetido, mas de outra maneira. Este é outro ponto de virada histórico, dentro do já habitual ato da leitura, de acordo com a cultura intersubjetiva e cheia de desdobramentos objetivos das redes sociais digitais.

Para observação, foi realizada uma pesquisa no aplicativo Instagram, a partir das *hashtags*: #eumechamoantonio; #verenasmith e #zackmagiezi, que são os nomes de três autores de poesia visual contemporânea já citados neste artigo. Pedro Gabriel, autor do perfil “Eu me chamo Antônio”, é filho de uma brasileira e um suíço; nasceu no Chade, no continente africano, e foi radicado no Brasil. Criou seu perfil literário após esquecer seu caderno, ao se sentar em um tradicional bar do Rio de Janeiro, quando desenhava em guardanapos. Verena Smit é paulistana, artista visual, fotógrafa e conhecida por suas instalações artísticas que já chegaram a exposições fora do país. Zack Magiezi também é paulistano e começou a escrever seus versos líricos em papéis impressos de sua antiga máquina de escrever, fazendo neles intervenções artísticas. Os três começaram a publicar seus trabalhos autorais na internet, reuniram milhares de leitores e publicaram livros por grandes editoras do Brasil. Nas *hashtags*, foi possível encontrar o que os leitores publicaram sobre esses autores e não foi difícil encontrar exemplos claros de poesias reelaboradas, contra-assinadas, de maneira concreta e clara:

Figura 1: Dança do amor



Fontes: livro Eu me chamo Antônio, p. 51. Rio de Janeiro, ed. Intrínseca, 2013.

POESIA ROTINEIRA. Dança do amor. Instagram, [s.l.], 10 jun. 2019.

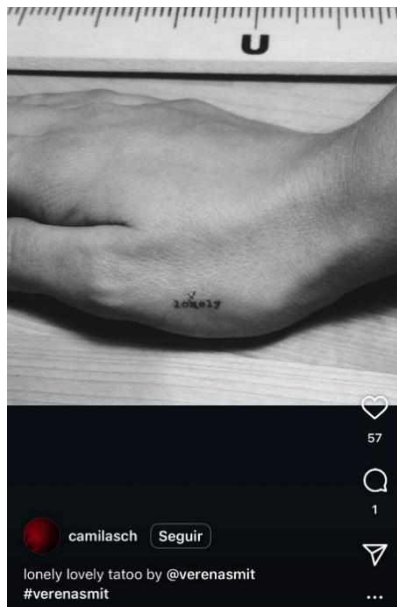
Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ByvTQrWDDWE/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

Figura 2: Lovely/Lonely - Verena Smit



SMIT, Verena. Lovely/Lonely. Instagram, [s.l.], 9 jun. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CP6DAF9AgUq/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

Figura 3: Tatuagem



CAMILASCH. Tatuagem. Instagram, [s.l.], 16 abr. 2016. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BER1-Y3nosA/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

Figura 4: Nem tudo são flores



MAGIEZI, Zack. Nem tudo são flores. Instagram, [s.l.], 24 mai.2025.

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DKcMcVug60c/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

ARTEQUERO. Nem tudo são flores. Instagram, [s.l.], 6 jun.2022.

Disponível em: <https://bitly.com/PyCWZ>. Acesso em: 9 abr. 2024.

Os critérios para seleção das figuras 1, 2, 3 e 4 foram perfis públicos, de leitores dos poetas aqui escolhidos, para exemplificar a pesquisa e que usaram as *hashtags* supracitadas, para permitir o acesso aos seus conteúdos a quem se interessa pela obra dos autores. Além das imagens dos leitores, pesquisamos as imagens originais dos autores, para facilitar a compreensão, seja na internet ou no livro impresso. Foram três exemplos bastante visíveis do que foi discutido anteriormente: a liberdade criadora mencionada por Bakhtin. Contudo, agora, é a interpretação visual do leitor que está no centro da discussão.

Na figura 1, é possível ver a releitura — ou contra-assinatura — do leitor a partir de um dos guardanapos de Pedro Gabriel. O leitor transpõe a poesia de Pedro para uma caligrafia na estética da máquina de escrever e formata visualmente a poesia para a estrutura de um cartaz e cola essa nova configuração visual do texto em um poste. Contextualmente falando, os postes são correntemente

utilizados como suporte para cartazes de avisos ou anúncios, como também dos conhecidos lambe-lambes, que são cartazes já incorporados pela arte de rua, de fácil aplicação em paredes e outras superfícies urbanas. Não seria errado dizer, portanto, que o leitor realizou uma desterritorialização⁴ da poesia de Pedro Gabriel, originalmente criada em uma caligrafia manuscrita, desenhada em guardanapos postados nas redes sociais e, agora, colada no formato de lambe-lambe, como um anúncio poético da dor. Dessa forma, o leitor constrói um novo valor semântico para a poesia, a partir dos elementos urbanos que a cercam.

A concepção da fotografia da poesia de Pedro, agora reelaborada em um cartaz, também constrói valor semântico próprio em suas características: a poesia em primeiro plano, o enquadramento que deixa claro que se trata de um cartaz colado num poste e, ao fundo, o cenário urbano, provavelmente de uma praça ou jardim. As cores pouco saturadas, em sépia, dão o ar saudosista, que é típico dos filtros do Instagram e, de certa forma, de uma estética entre os autores e leitores das poesias visuais contemporâneas brasileiras.

Na figura 2, observamos a intervenção poética de uma leitora, a partir do trabalho de Verena Smit, exposto originalmente em uma instalação criada com neon, na qual um traço da letra “n” aparece e desaparece, mudando o sentido da palavra. A instalação foi exposta em São Paulo, na galeria Karla Osorio, no ano de 2021.

Na figura 3, observamos a poesia agora tatuada na pele da internauta. A partir do momento em que a palavra “lonely” - que, em inglês, significa “solitário” ou “sozinho” é riscada para dar lugar à palavra “lovely” que, em inglês, quer dizer “amável”, está no braço de alguém, anuncia algo sobre esse indivíduo. Já não é somente uma travessia da solidão para o amor universal ou um sentimento ou

⁴Desterritorialização é um conceito deleuzeano que trata de algo que funciona por deslocamento (cf. DELEUZE, 1975, p. 30). Esse deslocamento de função, que leva a um deslocamento de sentido, pode ser aplicado à palavra, especialmente à palavra poética.

expressão da autora, mas muito especialmente daquela possível leitora, que possui, agora, em seu braço, de forma permanente, esse enunciado. As tatuagens, normalmente revelam traços da personalidade, do gosto estético ou da história de quem a possui gravada no corpo. Portanto, a partir do momento no qual a leitora leva a poesia das redes sociais, das instalações poéticas ou dos livros para sua pele, confere todo um novo valor semântico para aquele texto, extremamente particular. Com efeito, também se percebe o movimento fotográfico realizado pela leitora para o compartilhamento com seus amigos e até com desconhecidos, de sua própria leitura da poesia da autora, por meio da tatuagem. Nas redes sociais, a composição fotográfica continua com o preto e o branco característico do trabalho de Verena Smit, com o característico ar intimista e introspectivo.

Na figura 4, a leitora desenha a sua própria versão estética da poesia, quase sempre escrita com máquina de escrever, de Zack Magiezi. Nessa versão, não mais a discrição da fonte minimalista, mas um *lettering* artístico e ornamentado, com ilustrações de flores, compondo visualmente o sentido da poesia do autor. Da mesma maneira, há a preocupação da leitora em fotografar seu trabalho de maneira artística, com fundo azul e de fácil leitura, para ser apreciada pelos seus seguidores e, por que não, pelo próprio autor, se ele chegar ao seu perfil no Instagram, através da *hashtag* com seu nome, conforme realizamos nesta pesquisa. A contra-assinatura da leitora da imagem 4 é contundente e mostra uma obra diferente da poesia de Zack, com valores semânticos e visuais diversos daqueles pensados pelo autor, em seu minimalismo particular. A sensação visual de introspecção e sobriedade dá lugar a uma abertura chamativa, vibrante e cheia de feminilidade.

3. Considerações finais:

O fenômeno da poesia visual contemporânea brasileira que transita entre as redes sociais digitais e o livro impresso evidencia transformações significativas

no modo de produção, circulação e recepção literária. O presente artigo demonstra que, nesse movimento, o leitor assume um papel ativo e performativo, tornando-se coautor da obra, em um processo que Derrida (2014) denomina contra-assinatura. Essa atuação se manifesta concretamente nas práticas de compartilhamento, recriação e reelaboração das poesias visuais no ambiente digital, instaurando uma nova dinâmica entre autoria, leitura e criação.

A partir do diálogo com teóricos como Bakhtin, Compagnon e Iser, observa-se que o texto literário, ao encontrar o leitor, realiza-se em sua plenitude estética e social. No contexto digital, essa realização é intensificada, pois a leitura ultrapassa a interioridade interpretativa e se materializa em produções textuais e visuais que circulam amplamente, modificando o caminho usual da própria literatura em circulação. A contra-assinatura do leitor, assim compreendida, revela-se como um gesto de continuidade criadora, no qual a palavra do autor é reinscrita, ressignificada e expandida em novas direções semióticas. Contudo, essa reinscrição não se dá apenas no âmbito subjetivo-interpretativo. Com a contra-assinatura entre as redes sociais e os livros, o fenômeno é objetivo, criador de conteúdo e modificador do cenário cultural.

Além de reconfigurar as relações entre autor e leitor, esse fenômeno aponta para a democratização do acesso e da produção literária no Brasil contemporâneo. As redes sociais funcionam como espaços de visibilidade e legitimação, possibilitando a emergência de novas vozes poéticas e de formas coletivas de validação estética. O movimento da poesia visual entre o digital e o impresso constitui, portanto, uma expressão da vitalidade da literatura na era hiperconectada, revelando sua capacidade de adaptação, diálogo e permanência.

Em síntese, a poesia visual contemporânea brasileira, ao instaurar um campo de criação compartilhada, reafirma a potência da palavra poética como espaço de encontro e de transformação. O entre-lugar que se forma entre o autor e o leitor é também o espaço onde a literatura se reinventa: um território movente,

interativo e plural, no qual a leitura se converte em escrita e a escrita em leitura, configurando um ciclo contínuo de criação e reinterpretação. Com os exemplos trazidos aqui, é possível visualizar esse aspecto particular da autoria do leitor das poesias visuais contemporâneas brasileiras, que repetem o traço do leitor de outra maneira: aquela pessoal, própria, também única, porém, não mais íntima ou restrita aos grupos que cercam esses mesmos leitores. É possível observar uma autoria pública, compartilhada, potencializada às viralizações que tornam obras reelaboradas passíveis de chegar a lugares cada vez mais amplos.

Na mesma medida em que se democratiza o acesso à internet e às redes sociais, esse fenômeno acompanha o processo, democratizando a leitura, e, nesse caso, a leitura do gênero poético-visual contemporâneo nacional. Ainda que encontre as limitações sociogeográficas ainda importantes e desafiadoras em um país desigual como o Brasil, essa democratização, a partir das poesias, fez com que, posteriormente, surgissem e fossem legitimados outros movimentos de grande repercussão da literatura nacional, também presente em outros gêneros, a partir dessa autoria do leitor nas redes sociais digitais.

Nessa perspectiva, vale lembrar, ainda, que, ao longo da história, leituras pessoais e artísticas de poesias sempre foram realizadas pelos leitores, a despeito do advento da internet. Todavia, dentro da cultura do compartilhamento nas redes sociais, essa contra-assinatura tão ativa, neste momento, acaba por multiplicar, de maneira superlativa, o impacto das poesias em outros leitores, de forma praticamente instantânea, com extrema rapidez.

Outro movimento relevante a ser considerado e decorrente dessa relação constitui-se quando o próprio autor se torna um leitor de sua poesia transformada. Nas redes sociais, existe a função de “marcar alguém”. Uma vez utilizando tal função, o leitor pode marcar o perfil do próprio autor do texto e, por isso, é possível para o escritor visualizar imediatamente a

contra-assinatura realizada pelo seu leitor, onde quer que o autor esteja. E isso pode acontecer diariamente. É uma interação extremamente próxima, quase íntima, orgânica. Um fenômeno que desestrutura o lugar costumeiro do leitor e do autor, de maneira muito fluida, tornando os leitores autores de suas apropriações; e os autores, apreciadores de sua própria escrita apropriada. Constatamos, nessa contra-assinatura tão ativa no mundo digital, um diálogo intersemiótico, constante e vivo, entre o autor e o leitor: um validando o outro, um colocando o outro diante da lei e transgredindo-a.

Há como que um duelo de singularidades, um duelo da escrita e da leitura, no decorrer do qual uma contra-assinatura vem tanto confirmar, repetir e respeitar a assinatura do outro, da obra dita original, quanto *arrastá-la* para outro lugar, correndo então o risco de *traí-la*, tendo que trai-la de certa forma, a fim de respeitá-la, com a inversão de outra assinatura igualmente singular (DERRIDA, 2014 apud NASCIMENTO, 2015, p. 108).

Esse duelo de singularidades é uma forma precisa de descrever o fenômeno aqui destacado nessa relação autor-leitor nas redes sociais. O duelo da escrita e da leitura se dando dos dois lados da ponte formada pela palavra, entre aquele que escreve e o que lê, transformando “um” no “outro”, em constante diálogo ativo, criativo, real. Porém, esse diálogo que acontece, no decorrer de uma contra-assinatura, como destaca Derrida, vem para confirmar, repetir e respeitar a assinatura do outro. Existe, dentre tantas singularidades, uma relação de respeito mútuo. Respeito que precisa trair a tal pureza (inexistente) na escrita do autor. Trair para respeitá-la, porque é desse arrastar a palavra para outro lugar que surge o novo. Só assim nasce a transformação “do” outro e “no” outro. Assim se mostra e se comprova que a palavra poética, estando no sagrado do objeto livro, ou navegando pelas redes sociais, existe porque atravessa a ponte até alguém. E, por essa mesma ponte, volta a quem escreve, desemboca

nos livros e retorna às redes sociais, em um ciclo criador sem fim, desafiando obviedades e abrindo novas portas, como é próprio da literatura.

REFERÊNCIAS

ARTEQUERO. *Nem tudo são flores*. Instagram, [s.l.], 6 jun. 2022. Disponível em: <https://bityli.com/PyCWZ>. Acesso em: 9 abr. 2024.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV, Valentin). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec; Annablume, 2002 [1975].

BEZERRA, Paulo. Bakhtin: remate final. In: BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 81–96.

CAMILASCH. *Tatuagem*. Instagram, [s.l.], 16 abr. 2016. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BER1-Y3nosA/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

COSTA LIMA, Luiz. Mímesis e representação social. In: COSTA LIMA, Luiz. *Dispersa demanda: ensaios sobre literatura*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

DENCKER, Peter. *Da poesia concreta à poesia visual: um olhar para o futuro dos meios eletrônicos*. Trad. Silvia Maria Guerra Anastácio. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

DERRIDA, Jacques. *Papel máquina*. Madrid: Editorial Trotta, 2003.

EUMECHAMOANTONIO. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/eumechamoantonio/>. Acesso em: 18 dez. 2020.

FERNANDES, Caroline Bertini. *A poesia visual de Clarice Freire e o leitor no Instagram: estudo de caso sobre a intermedialidade da poesia publicada na internet*. 2019. 160 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2019.

GABRIEL, Pedro. *Eu me chamo Antônio*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

MAGIEZI, Zack. *Nem tudo são flores*. Instagram, [s.l.], 24 mai. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DKCmcVug60c/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

MAGIEZI, Zack. *Notas sobre ela*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2017.

NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a literatura*. São Paulo: É Realizações, 2015.

POESIA ROTINEIRA. *Dança do amor*. Instagram, [s.l.], 10 jun. 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ByvTQrWDDWE/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

PUBLISHNEWS. Setembro rosa. *PublishNews*, São Paulo, 21 out. 2014. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2014/10/21/79273-setembro-rosa>. Acesso em: 10 out. 2025.

SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Recife: Cepe, 2019.

SMIT, Verena. *Eu você*. São Paulo: Paralela, 2015.

SMIT, Verena. *Lovely/Lonely*. Instagram, [s.l.], 9 jun. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CP6DAF9AgUq/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

NOTAS DE AUTORIA

Clarice Freire (claricesfreire@gmail.com): Doutoranda em Ciências da Linguagem e Mestra na mesma área pela Universidade Católica de Pernambuco. Coordenadora e professora da especialização em Escrita Criativa da CESAR School. Escritora e

publicitária, com formação pela Universidade Católica de Pernambuco e pela Universidad de Valladolid (Espanha). Possui especialização em Criatividade pela Brother Escuela de Creativos (Buenos Aires) e curso de Criatividade pela ESPM. Autora do romance *Para Não Acabar Tão Cedo* (2024, Editora Record) e dos livros best-sellers de poesia *Pó de Lua* (2014), *Pó de Lua nas Noites em Claro* (2016, finalista do Prêmio Jabuti na categoria Ilustração).

André Araújo (aluisaraujosj@gmail.com): André Luís de Araújo é Jesuíta, Doutor e Mestre em Letras Estudos Literários pela UFMG. Diretor Geral do Colégio Loyola, é graduado em Letras pela UFMG e em Filosofia e Teologia pelo Centro Sèvres Facultés Jésuites de Paris (atual Facultés Loyola Paris); fez uma parte de seus estudos filosóficos na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em Belo Horizonte. Realizou também estágio pós-doutoral na Universidade de Salamanca, na Espanha, no período de 2020/21. Aposta num projeto ético-estético de enunciação que se lança na confluência com outras artes, a filosofia e a teologia. Desenvolve suas pesquisas sobre o ser da linguagem e o conceito de ficção, na perspectiva do escritor argentino Juan José Saer e do francês Jacques Rancière. Tematiza a literatura, a expressão da alteridade e outros sistemas semióticos, a partir da filosofia francesa contemporânea, sobretudo as contribuições de Barthes, Foucault, Blanchot, Deleuze, Guattari e Derrida. Também se interessa pelos desdobramentos da literatura fantástica, no horizonte de uma cultura do simulacro, na perspectiva desenvolvida por Jean Baudrillard e da fabulação produtora de realidade(s), segundo Henri Bergson e outros, além de situar-se numa zona de cruzamento com os Estudos Culturais na América Latina. Como Jesuíta, dedica-se ao acompanhamento de grupos de partilha de crescimento e retiros, com oficinas e técnicas de Projeto de Vida, a partir da escrita da Autobiografia, segundo a tradição dos Exercícios Espirituais e da Pedagogia Inaciana. Publicou vários artigos em periódicos nacionais e internacionais, além do livro "Eu existo pelo nome que te dei: Ana C. por Bernardo Carvalho" (Novas Edições Acadêmicas, 2017), resultado de sua tese de doutoramento em Estudos Literários, e os livros de poemas "Sagrado Primitivo" (Loyola, 2017) e "A Vila do Sino" (FacForm, 2019). Publicou, ainda, "O Peregrino Inácio de Loyola" (Loyola, 2024), contando a vida do fundador da Companhia de Jesus, inovando entre o cordel e o repente, com exposições envolvendo realidade imersiva e o uso da economia criativa. As ilustrações são de Vladimir Barros.

Roberta Caiado (caiado.roberta@gmail.com): A pesquisadora possui Doutorado em Educação pela UFPE, Mestrado em Letras/Linguística pela mesma instituição e graduação em Letras pela PUC Goiás. Realizou pós-doutorado em Linguística Aplicada na Universidade Católica de Pelotas e atualmente é Professora/Pesquisadora Adjunto I na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Com mais de 30 anos de experiência docente, atua no Ensino Superior, nas áreas de Linguística e Educação, com ênfase em Língua Portuguesa. Destaca-se sua atuação em cargos de direção acadêmica, direção de extensão e pesquisa, coordenação de Programas Stricto Sensu, incluindo a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (Mestrado e Doutorado) da UNICAP, de 2014 a 2018/ 2023 a 2025, e da coordenação geral da Pós-Graduação Stricto Sensu da UNICAP de 2019 a 2022. Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq Linguagens e Tecnologias - LINTEC - e coordenadora do LINTEC Lab. Foi editora-chefe da Hipertextus Revista Digital (2017-2019) e é membro do

Núcleo de Estudos de Hipertexto e Tecnologias Digitais (NEHTE). No NEHTE, liderou projetos como o desenvolvimento do aplicativo educacional Redigir Enem, financiado pelo CNPq, focado na aprendizagem de produção textual em dispositivos móveis. Sua produção intelectual inclui pesquisas relacionadas a Linguagens e Tecnologias Digitais e Tecnologias da Inteligência, Letramentos em Inteligência Artificial e Letramento em IAG, Linguística Textual e Interação Digital, com foco no ensino e na aprendizagem de Língua Portuguesa. A docente mantém significativa produção intelectual, colaborando com a iniciação científica, mestrados, doutorados, pós-doutorados e docentes do PPGCL. Orientou a tese premiada de Milene Bazarim, indicada ao Prêmio CAPES de Teses 2023. Com forte vocação para a educação básica, a docente contribui para a formação inicial e continuada de licenciandos e professores. Sua experiência abrange disciplinas de Estágio Curricular, TCC, Formação Linguística e Pedagógica, participação em Programa de Residência Pedagógica em cursos de Letras e Pedagogia. A pesquisadora foi relatora da proposta CAPES PRINT e participante do GT de Internacionalização da UNICAP, que resultou em um plano institucional de internacionalização. Participa de Projetos Internacionais: Em Português Falar, Viver e Pensar no Século XXI, da Rede AUSJAL, da Rede do GT Linguagem e Tecnologias da ANPOLL e da equipe idealizadora do MOSAICOLAB - Laboratório de Inovação Multidisciplinar para transformação social e tecnológica - da Pós-graduação Stricto Sensu da Universidade Católica de Pernambuco, financiado pelo Programa Pró-equipamentos CAPES. Coorientadora, pelo Programa Move La América, no Brasil, do doutorando Adriano Rodriguez Tovar, da Universidad de La Salle - Colômbia (2025). A trajetória da pesquisadora é marcada por contribuições acadêmicas e profissionais relevantes, com atuação no ensino, na pesquisa, na extensão e em gestão acadêmica. Comprometida com a formação docente e discente inovadora e a expansão do conhecimento científico relacionado a Linguagens e Tecnologias Digitais Emergentes. Atualmente, coordena o GT de Regulamentação da Inteligência Artificial na Pós-graduação Stricto Sensu da Universidade Católica de Pernambuco (2025-2026).

Como citar este artigo de acordo com as normas da revista?

FREIRE, Clarice; ARAÚJO, André; CAIADO, Roberta. O diálogo pensante da poesia visual contemporânea brasileira entre redes sociais digitais e os livros: a contra-assinatura do leitor. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 363-394, 2026.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 19 de fevereiro, 2026.

Aprovado em: 08 de julho, 2026.

Publicado: 04 de setembro, 2026.